

**DIEGO GIMÉNEZ<sup>12</sup>**

Problemas de  
Intertextualidade  
Filosófica no *Livro  
do Desassossego*

---

12 - Universidade de Coimbra

## I

Bastaria assinalar, se faltassem argumentos, para demonstrar a importância da leitura na construção da obra de Fernando Pessoa, quer as *Apreciações Literárias de Fernando Pessoa* (2013), editado por Pauly Ellen Bothe, quer a Biblioteca Particular alojada no acervo da Casa Fernando Pessoa, quer o recente arquivo *Edição Digital de Fernando Pessoa: Projetos e Publicações*, editado por Pedro Sepúlveda (2017). O arquivo disponibiliza, por exemplo, os projetos e as publicações do escritor português, de tal forma que o utilizador pode percorrer os documentos desde as etapas de projeção até à publicação destes. Também, o arquivo contém um índice de nomes e títulos que permitem reconstruir o mapa de relações textuais que nutrem o universo estético pessoano. Como ressalta o professor Manuel Portela, no número 14 da revista *Pessoa Plural*, sobre dito arquivo:

*Um olhar para a frequência das referências a autores, por exemplo, permite identificar referências cruciais para a autoconstrução de Pessoa como autor, quer na relação com os antecessores, quer na relação com os contemporâneos. Edgar Allan Poe, William Shakespeare e John Milton são três das referências mais frequentes na primeira constelação, e Mário de Sá-Carneiro, José de Almada Negreiros e Raul Leal na segunda. Tais redes de relações entre nomes sugerem ainda o modo como a autoria se produz por um efeito de assimilação de um conjunto vasto de leituras e da inserção programática da produção do próprio Pessoa no campo literário através da sua assinatura. A autodescrição de Pessoa-Autor como “não um só escritor, mas toda uma literatura”, que tem como referência imediata a alteridade dos heterónimos enquanto práticas estilísticas e ficcionais de autoria desmultiplicada, teria afinal expressão num processo omnívoro de apropriação e transformação da tradição literária. A rede de relações onomásticas extraída a partir dos projetos de publicação – designadamente das listas e planos editoriais – evidencia esse desejo de antropofagia literária, por exemplo nos planos de tradução, antologia ou edição de obras de outros autores (PORTELA, 2018: 412).*

O processo omnívoro pessoano de apropriação não se limita só à tradição literária, mas também atinge a tradição filosófica. Devem considerar-se, no efeito de “assimilação do conjunto de leituras”, as leituras filosóficas que o escritor fez e que compõem parte fundamental na construção de uma obra em que o pensamento está presente de forma manifesta. Nesta comunicação pretende-se analisar, por um lado, a rede intertextual “filosófica” que nutre o *Livro do Desassossego*, e, por outro lado, enquadrar esse levantamento com a *poiesis* sensacionista pessoana. Apresentam-se dados provisórios, suscetíveis de serem modificados. A análise deriva do trabalho realizado com as ferramentas de taxonomia e pesquisa que fornece o arquivo digital LdoD do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. A fala apresenta três partes: a introdução, um apontamento sobre a relação entre filosofia e literatura e o levantamento das relações intertextuais e sua problematização.

No que diz respeito à intertextualidade, segue-se a definição de Genette em *Palimpsestos* (2010)<sup>13</sup>. Apesar de a definição de Genette ser precisa e concreta, são necessários alguns esclarecimentos para que a análise possa ser efetuada da forma mais clara possível. Por um lado, quando o teórico francês fala de citação, “(com aspas, com ou sem referência precisa)”, aplica-se, neste caso, só às citações com aspas, agrupadas no grupo C. Quando Pessoa cita o texto de um heterónimo, considera-se autocitação, Ca. No que diz respeito à alusão, contam-se os nomes próprios (a nomeação de um autor determinado faria alusão à sua obra ou teorias por um processo metonímico) e aqueles enunciados não explícitos que pressupõem a compreensão de um outro. Da mesma forma, note-se que, quando Pessoa menciona um nome próprio, pode estar a fazê-lo através de uma fonte secundária. Assim, podem-se dividir as alusões em três grupos: as autoalusões, aquelas que são facilmente reconhecíveis (por exemplo, a menção literal do nome de um filósofo ou uma teoria filosófica) e as que são menos explícitas e literais, Aa, A1 e A2 respectivamente. Deve ter-se presente que a alusão remete para duas dificuldades: o fato de tais relações entre enunciados poderem ser conscientes ou inconscientes por parte de Pessoa, e, também, de dependerem do conjunto de conhecimentos do leitor que analisa as relações textuais em questão.

## II

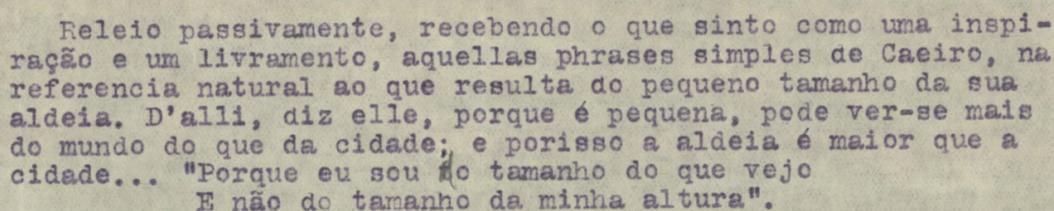
Apesar de Pessoa ter afirmado que “era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas”, as fronteiras entre ambas as dimensões do conhecimento são, no mínimo, pardas no que diz respeito à produção de Pessoa. Num artigo publicado no número 20 da revista *Colóquio Letras*, Benedito Nunes afirma que, no que atinge à relação entre poesia e filosofia na obra de Fernando Pessoa, a questão não pode ser colocada numa polarização entre pensamento e literatura, já que a obra do escritor português, “herdeira do esteticismo de Nietzsche, já participa, em larga escala, do entrelaçamento, hoje consumado na cultura intelectual de Ocidente, paralelamente à crise da metafísica, da literatura com a filosofia” (NUNES, 1974: 33). Dessa forma, seria um erro tentar decifrar um sistema ou uma doutrina filosófica elaborados. Na obra do autor do *Livro do Desassossego*, “o encontro e o confronto do poético com o filosófico começam a produzir-se rompendo com os moldes tradicionais, descerrando-nos um aspecto daquela situação intelectual da filosofia como obra escrita, e portanto da filosofia como género literário, que Paul Valéry registrou nos seus Cadernos” (NUNES, 1974: 33).

13 - “Quanto a mim, defino-o [nome de intertextualidade] de maneira sem dúvida restritiva, como uma relação de co-presença entre dois ou vários textos, isto é, essencialmente, e o mais frequentemente, como presença efetiva de um texto em um outro. Sua forma mais explícita e mais literal é a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sua forma menos explícita e menos canônica é a do plágio [...]; sua forma ainda menos explícita e menos literal é a alusão, isto é, um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro, ao qual necessariamente uma de suas inflexões remete” (GENETTE, 2010: 14).

De aceitar que, no *Livro do Desassossego*, os moldes tradicionais são insuficientes para abordar esse confronto entre o poético e o filosófico, já que a distinção entre um e outro são oblíquas, aquilo que se propõe aqui é uma abordagem desses textos pessoanos na sua estrutura formal e nos seus modelos de exposição e produção, seguindo o marco teórico traçado por Paul Valéry à luz do levantamento das relações intertextuais “filosóficas”.

O posicionamento nesse debate, no qual não se quer entrar de forma profunda, pois excede os limites e objetivos desta fala, é que, no caso de Pessoa, toda a filosofia é uma forma de literatura e toda a literatura é uma forma de filosofia. Uma premissa de tal tipo depende de uma determinada concepção daquilo que é literatura e filosofia dentro do campo do conhecimento. Esta leitura da obra está em relação, como apontado, ao desafio de Valéry de considerar a filosofia enquanto texto escrito e que será também retomada por Derrida em *Margens da Filosofia*<sup>14</sup>.

Considera-se importante fazer esse apontamento porque apresenta um desafio ao ponderar as citações e alusões na obra de Pessoa. De concordar com Nunes, isto é, a polarização entre filosofia e literatura na obra pessoana não é aconselhável, como valorar as citações e alusões não explicitamente feitas por filósofos? Tome-se um breve exemplo:



Releio passivamente, recebendo o que sinto como uma inspiração e um livramento, aquellas phrases simples de Caeiro, na referencia natural ao que resulta do pequeno tamanho da sua aldeia. D'alli, diz elle, porque é pequena, pode ver-se mais do mundo do que da cidade; e porisso a aldeia é maior que a cidade... "Porque eu sou do tamanho do que vejo E não do tamanho da minha altura".

4-34<sup>r</sup>

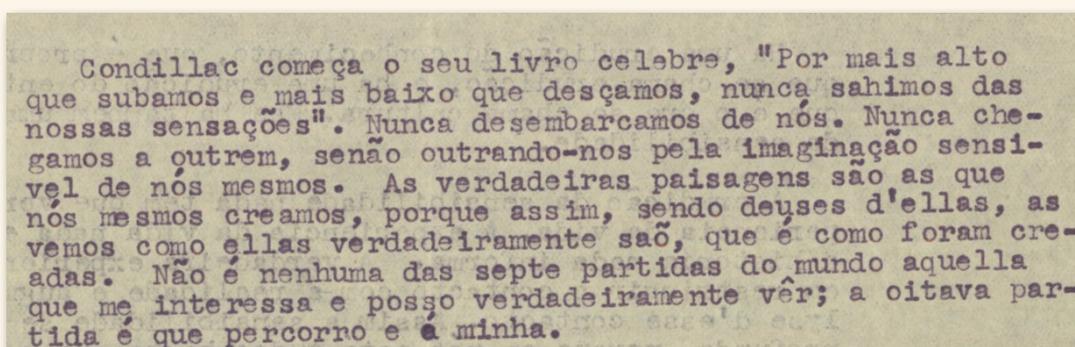
Os versos de Caeiro citados no *Livro do Desassossego*, “Porque eu sou do tamanho do que vejo”, apresentam uma dimensão filosófica, assim como o pensamento que destila da escrita desse trecho. Discernir a dimensão filosófica que uma relação intertextual pode ter é também uma tarefa que depende do marco conceptual com que se está a analisar a obra. Pela economia do relato, ou por comodidade narrativa, como diria Jorge Luis Borges, a comunicação foca-se nas relações intertextuais com textos de filósofos ou com conceitos específicos de filósofos.

14 - “Estudar o texto filosófico na sua estrutura formal, na sua organização retórica, na sua especificidade e diversidade dos seus tipos textuais, nos seus modelos de exposição e de produção – para além daquilo que outrora se chamava os gêneros – no espaço também das suas encenações e numa sintaxe que não seja apenas a articulação dos seus significados, das suas referências ao ser ou à verdade, mas a ordenação dos seus processos e de tudo o que aí se investiu. Em suma, considerar também a filosofia como ‘um gênero literário particular’, extraindo da reserva de uma língua, arranjanço forçando ou desviando um conjunto de recursos tópicos” (DERRIDA, 1991: 334).

### III

Por enquanto, conseguiram identificar-se 32 trechos que apresentam relações intertextuais evidentes entre textos de filósofos e o *Livro do Desassossego*, das quais 30 são alusões (AA, A1 e A2) e 4, citações<sup>15</sup>. Nesses textos são mencionados 27 filósofos ou pensadores que correspondem a diferentes épocas da história da filosofia e nos que contamos também aos heterónimos pessoanos considerados filósofos ou pensadores, nomeadamente António Mora e o Barão de Teive. A seguir, uma amostra de exemplos que podem ser consultados quer mediante as cotas no arquivo LdoD, quer na edição virtual “Intertextualidade Filosófica”, no mesmo arquivo:

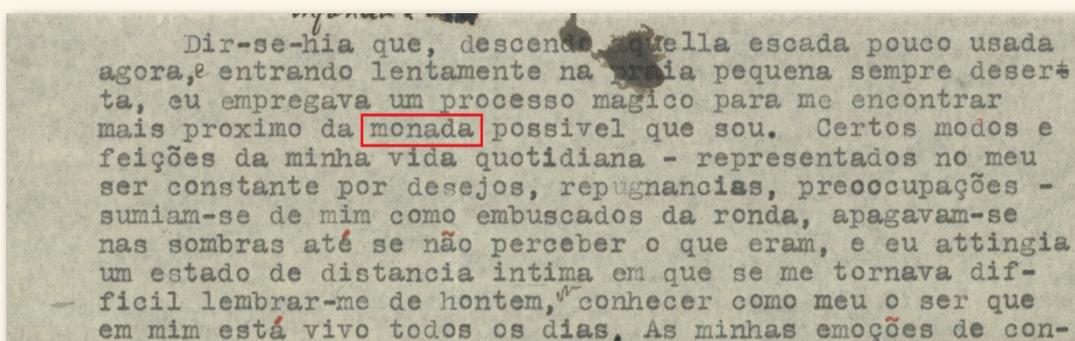
#### Citação (C)



Condillac começa o seu livro celebre, "Por mais alto que subamos e mais baixo que desçamos, nunca saímos das nossas sensações". Nunca desembarcamos de nós. Nunca chegamos a outrem, senão outrando-nos pela imaginação sensível de nós mesmos. As verdadeiras paisagens são as que nós mesmos creamos, porque assim, sendo deuses d'ellas, as vemos como ellas verdadeiramente são, que é como foram creadas. Não é nenhuma das septe partidas do mundo aquella que me interessa e posso verdadeiramente vêr; a oitava partida é que percorro e é minha.

4-537<sup>v</sup>

#### Alusão implícita (A2)



Dir-se-hia que, descendo pela escada pouco usada agora, e entrando lentamente na sala pequena sempre desertada, eu empregava um processo magico para me encontrar mais proximo da monada possível que sou. Certos modos e feições da minha vida quotidiana - representados no meu ser constante por desejos, repugnancias, preocupações - sumiam-se de mim como embuscados da ronda, apagavam-se nas sombras até se não perceber o que eram, e eu attingia um estado de distancia intima em que se me tornava difficil lembrar-me de hontem, conhecer como meu o ser que em mim está vivo todos os dias. As minhas emoções de con-

1-55r

15 - As categorias podem ser consultadas em <https://ldod.uc.pt/edition/acronym/LdoD-InterFil>.

*Alusão Explícita (A1)*

~~XXXXXXXXXX~~ O grande sonho requer certas circumstan-  
cias sociaes. Um dia que, embevecido por certo movimento  
rhythmico e dolente do que escrevera, me recordei de  
Chateaubriand, não tardou que me lembrasse de que eu não  
era visconde, nem sequer bretão (normando). Outra vez  
que julguei sentir, no sentido do que dissera, uma sími-  
lhança com Rousseau, não tardou, também, que me occorresse  
que, não tido o privilegio de ser fidalgo e castelhão,  
tambem o não tivera de ser suíço e vagabundo.

6-16r

*Auto Alusão (AA)*

Este Alberto Caeiro tevedois discipulos e um  
continuador philosophico. Os dois discipulos, Ricardo  
Reis e Alvaro de Campos, seguiram caminhos differen-  
tes; tendo o primeiro intensificado e tornado artis-  
ticamente orthodoxo, o paganismo descoberto por Caei-  
ro, e o segundo, baseando-se em outra parte da obra  
de Caeiro, desenvolvendo um systema inteiramente dif-  
ferente, e baseado inteiramente nas sensações. O con-  
tinuador philosophico, Antonio Móra (os nomes são  
tão inevitaveis, tão impostos de fóra como as perso-  
nalidades), tem um ou dois livros a escrever, onde  
provará completamente a verdade metaphysica e practi-  
ca, do paganismo. Um segundo philosopho, desta escho-  
la pagan, cujo nome, porém, ainda não appareceu na  
minha visão ~~XXXXXXXXXX~~ ou audição interior, dará uma de-  
feza do paganismo baseada, inteiramente, em outros  
argumentos.

20-71r

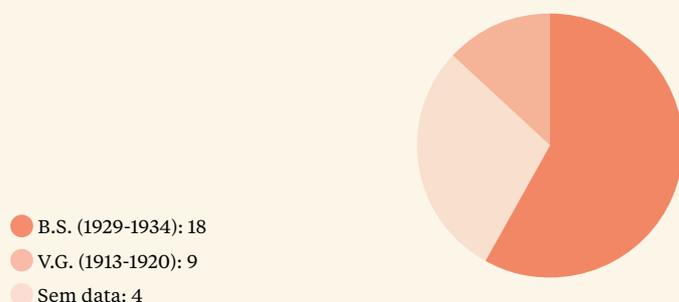
A citação, “com aspas, com ou sem referência precisa” (GENETTE, 2010: 14), é a relação intertextual mais evidente. Cabe, no caso dos trechos selecionados, fazer uma observação sobre o trecho com cota 1-34r, onde Pessoa escreveu no último parágrafo: “«Os meus hábitos são da solidão, que não dos homens»; não sei se foi Rousseau, se Senancour, o que disse isto”. Como consta na edição de Richard Zenith e na edição de Jerónimo Pizarro, a citação é de Chateaubriand, e, segundo Zenith, concretamente do “Ensaio histórico, político e moral sobre as revoluções antigas e modernas, consideradas em suas relações com a Revolução Francesa” (2009: 517). Para Pizarro, Pessoa pode ter lido a referência em uma obra francesa sobre autores franceses da sua Biblioteca (2010: 774).

Sobre as alusões, “um enunciado cuja compreensão plena supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro” (GENETTE, 2010: 14), a compreensão do trecho que contém a palavra “mónada” supõe a relação com a filosofia de Leibniz para sua apreensão. Da mesma forma, a compreensão do trecho em que Rousseau é mencionado supõe o conhecimento das *Confissões* e os motivos que levaram o genebrino a escrevê-las. Finalmente, a compreensão do trecho em que se menciona António Mora supõe o conhecimento da obra de Mora.

Assim como nas citações, as alusões apresentam a mesma dificuldade no que diz respeito à origem da relação intertextual enquanto primeira ou segunda fonte O fragmento com cota 16-61r ilustra essa questão: “Dividiu Aristóteles a poesia em lírica, elegíaca, épica e dramática”, incluído nas edições de Jerónimo Pizarro (2010) e Teresa Sobral Cunha (2009). A menção ao filósofo grego está relacionada com a *Poética* de Aristóteles. Porém, nota Pizarro na edição crítica, existe um exemplar na Biblioteca Particular, intitulado *Os Dramas Líricos de Ésquilo* e em que seu tradutor, John Stuart Blackie, se refere ao estagirita e escreve que o elemento lírico predomina nas construções de Ésquilo (2010: 458). Este exemplo e o anterior chamam a atenção para o cuidado com a identificação das fontes que nutrem as relações intertextuais.

Seria ingénuo pretender identificar todas as intertextualidades que o *Livro do Desassossego* pode conter. A investigação dessas relações, neste projeto, não visa ser nem totalizante nem teleológica, aliás, porque identificar as referências menos evidentes depende da bagagem de leituras e conhecimentos de cada leitor, como apontado. Pretende-se, com a seleção desses cruzamentos textuais filosóficos, trabalhar com um *corpus* restrito de trechos para estudar como funciona a produção de pensamento enquanto composição textual, enquanto escrita, e relacionar essa análise com a *poiesis* sensacionista pessoana<sup>16</sup>. Nesse sentido, pode-se consultar a relação de trechos, nas fases de escrita da obra, no seguinte gráfico:

## Intertextualidade Filosófica nas Fases de Escrita



16 - “O Sensacionismo foi o último ismo criado por Pessoa, na cumplicidade, uma vez mais, do seu *compagnon de route*, Sá-Carneiro, à semelhança do que aconteceu com outros ismos anteriores, tais como o Paulismo e o Interseccionismo. Pela sua teorização e prática deixou-se Pessoa entusiasmar bastante, já que ele lhe pareceu ser uma hipótese feliz de conciliação de contrários, ajudando-o a construir uma corrente literária [...] acolhedora dos ismos de vanguarda. Tendo como princípio fundamental, *sentir tudo de todas as maneiras e ser tudo e ser todos*, o Sensacionismo foi para Pessoa a arte da soma-síntese, como lhe chamou, um todo no qual as partes, mesmo as mais díspares, se harmonizavam, como se de um *atanor* alquímico se tratasse” (MARTINS, 2008, p. 786).

### Outras Intertextualidades nas Fases de Escrita



Quadro

aproximativo.<sup>17</sup>

Da seleção das intertextualidades filosóficas, 9 trechos pertencem à fase de Vicente Guedes (1913-1920), 5 estão sem data identificável e 18 pertencem à fase de Bernardo Soares (1929-1934). A causa dessa distribuição pode dever-se a vários motivos: à diferença do número de textos entre fases; à bagagem de leituras que Pessoa pode ter adquirido no intervalo entre 1920 e 1929; e, também, pode explicar-se pela predominância do Sensacionismo no segundo momento de escrita do *Livro do Desassossego*.

O apontamento do ideal sensacionista, em que Pessoa plasmou seu desejo de ter “a sensibilidade de Mallarmé dentro do estilo de Vieira; sonhar como Verlaine no corpo de Horácio; ser Homero ao luar. / Sentir tudo de todas as maneiras; saber pensar com as emoções e sentir com o pensamento” (3-12r), não ficou só em um ideal. O poeta realizou esse ideal mediante a composição que se nutriu do “processo omnívoro de leituras” e mediante os diferentes níveis de intelectualização da sensação no processo de composição. Para finalizar, analisar-se-á um trecho do *Livro*:

*Por isso busco, por uma imitação de uma hipótese dos clássicos, figurar ao menos em uma matemática expressiva as sensações decorativas da minha alma substituída. Em certa altura da cogitação escrita, já não sei onde tenho o centro da atenção — se nas sensações dispersas que procuro descrever, como a tapeçarias incógnitas, se nas palavras com que, querendo descrever a própria descrição, me embrenho, me descaminho e vejo outras coisas. (3-25r)*

17 - Realizou-se um levantamento ilustrativo de outras relações intertextuais a partir da Edição Crítica do Livro do Desassossego editada por Jerónimo Pizarro (2010), nomeadamente mediante o índice onomástico e sua distribuição nos trechos ordenados cronologicamente. Pretendeu-se constatar a distribuição por datas dos trechos com relações intertextuais, para além das filosóficas, para assim confirmar a tendência para o incremento dessas relações na fase de escrita de Bernardo Soares. O levantamento das “outras intertextualidades”, embora sistemático, não se pretende um levantamento exaustivo, antes meramente ilustrativo da relação das interferências textuais nas fases de escrita do *Livro do Desassossego*.

“Por uma imitação de uma hipótese dos clássicos”, remete à assimilação de leituras por parte de Pessoa, àquele movimento *plagiotrópico*, definido por Haroldo de Campos<sup>18</sup>, e citado por Rui Torres em *Pessoa Ilimitado*, segundo o qual existe um “conjunto de textos na literatura portuguesa que encenam a transformação e a devoração da tradição” (TORRES, 2014: 2). Pode afirmar-se que essa antropofagia do passado não se limita só à literatura portuguesa, antes a toda a tradição literária ocidental. Entende-se o conceito *plagiotrópico* não no sentido usual de cópia ou paródia, mas no sentido de assimilação, de releitura dialogal no tempo. Pessoa seria um exemplo desse movimento não linear omnívoro de tradução da tradição. Nesse sentido, pode dizer-se que, se “a mais eficaz tradução da linguagem de Dante, enquanto resultado esteticamente computável, encontra-se antes, fragmentariamente, em Camões” (CAMPOS, 1997: 48), a mais eficaz tradução da linguagem de Rousseau, Amiel, e outros, encontra-se, fragmentariamente, em Pessoa, enquanto resultado estético. Assim, a prosa poética do *Livro do Desassossego*, nessa matemática expressiva *plagiotrópica*, nutre-se da leitura, entre as quais, as filosóficas, que permitem ao poeta ser tudo de todas as maneiras. O pensamento, enquanto composição textual, isto é, enquanto “cogitação escrita”, destila do processo de assimilação da tradição literária e filosófica e dos movimentos de consciência e autoconsciência da sensação no ato de escrita.

18 - “Já a *plagiotropia* (do grego, *plágios*, oblíquo, que não é em linha reta), movimento de derivação ou ramificação por obliquidade (um termo que extraí da botânica), parece-me um conceito adequado para descrever o desenrolar do processo literário como releitura ‘polifónica’, antes por desvios do que por traçado reto, da tradição. Uma ‘semiose ilimitada’ (Peirce) ou ‘infinita’ (Eco), em que cada novo texto funcionaria como interpretante do fundo textual anterior, ao mesmo tempo em que o deslocaria para um novo plano produtivo. É o que também se poderia chamar ‘transculturação’, dado que esse movimento transcorre num espaço não confinado pelas geografias regionais” (CAMPOS, 1997: 49).

## Bibliografia

CAMPOS, Haroldo de. *O Arco-Íris Branco*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

DERRIDA, Jacques. *Margens da Filosofia*. São Paulo: Papiro, 1991.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestos*. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010.

MARTINS, Fernando Cabral. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Editorial Caminho, 2008.

NUNES, Benedito. "Poesia e filosofia na obra de Fernando Pessoa". *Colóquio Letras*, n.º 20 (1974): pp. 22-34.

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Edição de Teresa Sobral Cunha. Lisboa: Relógio d'Água, 2008.

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009.

\_\_\_\_\_. *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. 2 tomos. Edição Crítica de Fernando Pessoa, serie mayor, vol. XII, 2010.

\_\_\_\_\_. *Apreciações Literárias de Fernando Pessoa*. Edição de Pauly Ellen Bothe. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, serie mayor, vol. IV, 2013.

\_\_\_\_\_. Arquivo LdoD. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2016. <http://www.ldod.uc.pt>

PORTELA, Manuel. "Re-Produzir Pessoa, isto é, P1 + P2 = Autor". *Pessoa Plural*, n.º 14 (O./Fall 2018): pp. 402-415. Doi: 10.26300/a107-eb54.

SEPÚLVEDA, Pedro; Henry-Krahmer, Ulrike [eds.] (2017). Edição Digital de Fernando Pessoa. Projetos e Publicações. Coordenação editorial por Pedro Sepúlveda, coordenação técnica por Ulrike Henny-Krahmer. Lisboa e Colónia: IELT, Universidade Nova de Lisboa e CCEH, Universidade de Colónia, <<http://www.pessoadigital.pt>> [Doi: 10.18716/cceh/pessoa].

TORRES, Rui. "PESSOA ILIMITADO: Intertextualidade, metamorfose, apropriação". UFP-Porto, 2014. [https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4259/1/rui-torres\\_pessoa-ilimitado.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4259/1/rui-torres_pessoa-ilimitado.pdf)